

COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS NO PB: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA FALADA NO MUNICÍPIO DE JEREMOABO – BA

Isabela Santos da Silva¹
Isnalda Berger de Figueiredo Alves Filha²

70

RESUMO:

O trabalho apresenta como tema a colocação dos clíticos no português brasileiro. De acordo com Lobo (2002), verifica-se que os clíticos, em diferentes épocas, prevaleceram na posição pré ou pós-verbal. Estudos mais recentes postulam, contudo, que a utilização do pronome antes do verbo tem sido mais freqüente no português brasileiro. Essa concepção foi observada na análise de amostras da língua falada no semiárido baiano, no município de Jeremoabo, coletadas através de entrevistas realizadas no ano de 2001. Conclui-se que o uso do pronome antes do verbo prevalece mesmo em situações não aceitas na língua escrita.

Palavras-chave: pronomes clíticos; Português brasileiro; língua falada; mudança linguística.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar o uso dos clíticos na língua falada do português no século XXI, considerando-se, para tanto, estudos feitos por autores que pesquisaram ocorrências dos clíticos dos séculos XVI na língua escrita, e no século XX, na língua falada. Faremos considerações a respeito das pesquisas de Lobo (2002, 1996) e utilizaremos o *corpus* das amostras da língua falada no semiárido baiano, com ocorrências de uso dos clíticos na fala de pessoas que residem no município baiano de Jeremoabo.

Sabe-se que a língua portuguesa falada no Brasil, desde que foi trazida pelos portugueses no século XVI, sofreu mudanças ao longo dos tempos. Segundo Matos e Silva (2004), o português brasileiro formou-se a partir da interação entre algumas línguas: a do colonizador, as línguas dos índios brasileiros, as diversas línguas africanas e ainda as línguas dos emigrantes europeus e asiáticos que foram chegando no século XIX. Fazendo hoje uma comparação entre o português europeu e o português brasileiro, é possível perceber diferenças significativas, principalmente em relação aos aspectos fônicos e sintáticos, provocadas por

¹Graduação em Letras Vernáculas(UFEF- 2003). Pós-graduanda em Linguística e Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. (UEFS)

²Graduação em Letras Vernáculas (UNEB – 2009). Pós-graduanda em Linguística e Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. (UEFS)

fatores externos e internos. Dentro dos aspectos sintáticos está o uso dos pronomes clíticos, que, ainda segundo Matos e Silva (2004), está sendo eliminado na fala dos brasileiros, mas, quando ocorre, os falantes dão preferência à próclise. Como em muitos casos a próclise utilizada não segue a norma padrão, além de comprovar a distância entre o português falado na Europa e aquele falado no Brasil, isso mostra também que a língua portuguesa do Brasil tem caminhado para a aceitação de suas variantes.

1. O USO DOS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Há muitas discussões a respeito do problema da colocação dos pronomes oblíquos átonos no português brasileiro, de como a gramática normativa aborda a questão e dos resultados mais recentes apresentados pelos estudos sobre a língua.

Perini (1996), em sua *Gramática descritiva do Português*, conceitua os clíticos como “as formas *me, o, se, lhe, nos*, (além das pouco utilizadas *te, vos*). Essas formas são flexões dos itens *eu, ele, nós (tu, vós)* e se posicionam dentro da oração segundo princípios próprios” (PERINI, 1996, p.230). Já a Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara, não utiliza o termo “Clíticos”, abordando a questão da seguinte forma: “O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a ênclise, próclise e mesóclise” (BECHARA, 2003, p. 587)

Lobo (2002) analisa a questão da colocação dos clíticos dentro de uma perspectiva diacrônica, verificando o uso dos pronomes oblíquos átonos no século XVI e no século XX e as mudanças ocorridas nesses aspectos. Além disso, verifica como as gramáticas normativas tratam a questão da ordem dos clíticos na frase, e assim, discute como o ensino desses elementos ocorre nas escolas brasileiras. Em outro texto, Lobo (1996) faz uma análise da Carta de Caminha, buscando situar a gramática daquele escritor como representativa do português arcaico ou clássico, a partir da análise do uso que ele faz dos clíticos no texto.

Na análise diacrônica, a autora esclarece que vários trabalhos desenvolvidos na perspectiva gerativista, e também baseados na teoria sociolinguística, apontam que a posição imediatamente pré-verbal, ou proclítica, é a forma mais comum de colocação dos clíticos no português vernáculo brasileiro contemporâneo. Lobo (2002) explica que a partir de uma análise histórica é possível perceber que, no século XVI, o clítico apresentava-se numa

posição pré ou pós-verbal em contextos sintáticos definidos. Porém, a anteposição do clítico ao verbo passou a ser utilizada em qualquer situação.

Em seguida, a autora analisa amostras que integram o Corpus Compartilhado do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta, o Projeto NURC, para caracterizar a norma culta de colocação dos clíticos do português brasileiro contemporâneo. Verifica-se que “no Brasil, enquanto na norma vernácula a colocação dos clíticos é pré-verbal, na norma culta, em situação de colocação oral, a posição dos clíticos é variável, na grande maioria dos contextos sintáticos.” (LOBO, 2002 p. 89) Essa variabilidade posicional dos clíticos na norma oral culta do português brasileiro contemporâneo pode ser explicada, segundo a autora, não apenas a partir ação que a norma padrão exerce e que é colocada pela escola sobre a língua dos indivíduos escolarizados, mas também observando o que ela chamou de “encaixamento linguístico”, pois a frequência de ocorrência da colocação pós-verbal em todos os contextos sintáticos não ocorre de maneira igual. Após essa constatação, a autora busca estudar o *corpus* do século XVI, que inclui textos não literários, que permitem uma aproximação da norma oral culta do português quinhentista.

Após a análise do *corpus*, é possível verificar que no século XVI o total de contextos sintáticos com regra variável era de apenas 4, (enquanto no português brasileiro contemporâneo foi de 10). Já o total de contextos sintáticos com regra categórica era de 8 no século XVI (e de 2 no contemporâneo). Isso tem sido matéria de estudo para muitos. Wackernagel apud Lobo (2002 p.96) concluiu que de modo geral as palavras não acentuadas nas línguas românicas e nas indo-europeias eram enclíticas ao primeiro elemento. Dessa forma, a sintaxe dos clíticos, no século XVI, é a representação mais evidente da aplicação da “lei de Wackernagel”, a qual se descreve da seguinte maneira: se o verbo ocupa a primeira posição, o clítico estará na posição pós-verbal; entretanto, se o verbo está precedido por um elemento, a posição do clítico será pré-verbal (enclítico ao elemento). Baseado neste tipo de arranjo sintático que ocorreu no período clássico da história da língua portuguesa é que a tradição gramatical desenvolveu a “teoria da atração”, no momento em que fixou uma norma padrão para a sintaxe dos clíticos. No português brasileiro e na maioria das línguas românicas, no entanto, o que ocorre é o clítico em posição inicial absoluta.

Em outro momento a autora questiona “em que medida o comportamento linguístico dos falantes escolarizados brasileiros reflete o padrão de ordem dos clíticos prescrito pelas

gramáticas tradicionais e que se supõe ser o veiculado pela escola.” (LOBO, 2002, p. 98) O modelo de língua padrão vigente no Brasil postula que a colocação pós-verbal do clítico deve acontecer nos seguintes contextos:

Verbo iniciando período; verbo precedido apenas por conjunção coordenativa, exceto quando se trata de conjunção alternativa; verbo precedido por sujeito nominal; verbo no imperativo afirmativo; orações reduzidas de gerúndio, exceto as introduzidas pela conjunção *em*; orações reduzidas de infinitivo não flexionado, com ou sem marcas de flexão, não regidas por preposição. Nas reduzidas de infinitivo não-flexionado, regidas por preposição, admite-se a variabilidade posicional do clítico, exceto quando se trata de ocorrência do clítico o(s), a(s) em reduzidas de infinitivo regidas pela preposição *a*, caso em que se indica a colocação pós-verbal; pausa entre o verbo e o termo antecedente que provoque a anteposição do clítico ao verbo. (LOBO, 2002, p. 99)

Após analisar alguns dados, a autora verifica que a ocorrência da colocação pós-verbal dos clíticos está em declínio. E esse aspecto pode ser percebido também na fala de indivíduos brasileiros escolarizados em situação formal de comunicação. A seguir serão apresentados quadros que demonstram o exemplo do clítico acusativo de terceira pessoa, o qual não se configura mais como elemento do vernáculo para os brasileiros, pois sua ocorrência é produto da ação da escola. (LOBO, 2002 p. 90):

Tipo de objeto	Adultos Analfabetos (%)	Série (%)					Total (%)
		1 ^a /2 ^a	3 ^a /4 ^a	5 ^a /6 ^a	7 ^a /8 ^a	Univers.	
Obj. Nulo	66,6	72,4	77,7	71,2	71,1	67,8	72,0
Pron. Tônico	25,6	24,1	8,6	19,1	20,1	7,1	18,2
NP Anafórico	7,6	3,4	3,6	7,4	7,6	14,2	8,3
Clíticos	-	-	-	2,1	0,9	10,7	1,3

Quadro 1: Objetos diretos anafóricos encontrados na fala (Corrêa 1991, *apud* Nunes 1993: 17)³

Tipo de objeto	Série (%)					Total (%)
	1 ^a /2 ^a	3 ^a /4 ^a	5 ^a /6 ^a	7 ^a /8 ^a	Univers.	
Obj. Nulo	57,5	65,6	52,3	53,5	9,5	51,4
Pron. Tônico	7,5	6,2	15,3	10,7	-	9,8
NP Anafórico	35,0	18,7	13,8	5,3	4,7	15,4
Clíticos	-	9,3	18,4	30,3	85,7	23,3

Quadro 1: Objetos anafóricos encontrados na escrita. (Corrêa 1991, *apud* Nunes, 1993:218)⁴

³ Nunes, 1993 *apud* Lobo, 2002, p. 90.

Perini afirma que “a ênclise está desaparecendo do português brasileiro; essa tendência, dominante na modalidade falada, já deixou marcas muito profundas no próprio padrão escrito”. (PERINI, 2003, p. 230)

Na *Nova gramática do português brasileiro*, Castilho (2010) relata que os pronomes clíticos (me, te, se, o, lhe) predominantemente são colocados antes ou depois de verbo no português europeu e antes do verbo, no português brasileiro. Completa dizendo que ao longo da história do português, constatou-se certa mudança no uso dos clíticos, pois a princípio, até o século XIV predominava a ênclise. Após, iniciou-se o domínio da próclise (antes do verbo), até o século XVI. Dando continuidade o autor enfatiza o que a gramática normativa descreve sobre o uso dos referidos pronomes. A ênclise (depois do verbo) é considerada a posição básica dos clíticos. Já a próclise ocorre quando aparecem alguns elementos atratores como conjunção integrante ou pronome relativo, advérbio de negação/tempo/focalização e sujeito quantificado. E por último pontua que não se inicia sentença com clítico,

(...) nas perífrases de gerúndio e participio, os pronomes se colocam antes ou depois do verbo auxiliar, seguindo essas mesmas regras (61f e 61g); (ii) em perífrases de infinitivo, o verbo é sempre enclítico, mesmo que ocorram atratores (61h). (CASTILHO, 2010, P. 483)

Após essa descrição, o autor pontua que no português europeu predomina a ênclise e no português brasileiro a próclise. Sendo que no caso do Brasil, percebe-se que ocorreu uma oscilação entre a ênclise e a próclise, sendo definida na sequência: ênclise > próclise > ênclise. A partir dos estudos diacrônicos de Salvi (1990) *apud* Castilho (2010) verificou-se que a preferência pela próclise ocorreu no século XVI e, após esse período, a ênclise passou a prevalecer nos usos. Também as pesquisas de Martins (1994:56) *apud* Castilho (2010) revelam que o século XV foi importante na mudança da ênclise para próclise. Já nos estudos de Pagotto (1992, 1993) *apud* Castilho (2010) verificou-se uma alteração em direção à ênclise no século XX. A partir das pesquisas desses autores “(...) vê-se que a virada proclítica do PE se situa no século XV, e nas primeiras décadas do século XVI, quando começam a chegar os primeiros colonizadores portugueses ao Brasil, ou seja, a “próclise brasileira” teria suas raízes

⁴ Nunes, 1993 *apud* Lobo, 2002, p. 90.

no PE do século XV, (...)” (CASTILHO, 2010, p. 485). Já Lobo (2002) afirma que embora Nunes (1993) tenha colocado que foi no século XIX a ocorrência da mudança na ordem dos clíticos do Português Brasileiro, Cyrino (1997) diz que tal mudança já vem desde o século XVII, tendo sido concluída no século XVIII.

2. O USO DOS CLÍTICOS EM AMOSTRAS DA LÍNGUA FALADA NA ZONA RURAL DE JEREMOABO (BA).

Após apresentar uma breve discussão diacrônica sobre a colocação dos clíticos no português brasileiro, busca-se nesse momento analisar algumas ocorrências desses pronomes na fala de pessoas que residem no município baiano de Jeremoabo. O *corpus* faz parte da coleção de amostras da língua falada no semiárido baiano e apresenta várias entrevistas gravadas no ano de 2001, nas quais se buscou criar situações naturais de comunicação, desenvolvendo diálogos que tratam de aspectos do cotidiano. As gravações foram feitas em comunidades rurais de Jeremoabo: Casinhas, Tapera e Lagoa de Inácio. Para desenvolver o presente artigo foi selecionada uma entrevista, sendo que foram identificados trechos nos quais os pronomes clíticos são utilizados.

Antes de fazer a análise, convém apresentar de forma sucinta algumas informações sobre o município de Jeremoabo. A cidade está localizada a 371 km de Salvador e encontra-se na zona fisiográfica do Nordeste. Sua população é predominantemente rural e suas principais atividades econômicas são: pecuária e produção de cereais. Atentando-se para questões históricas a fim de analisar aspectos linguísticos, verifica-se que a comunidade em questão foi influenciada por dialetos indígenas e pelo português europeu, além de dialetos crioulos.

Após a análise da entrevista, verificou-se a utilização dos clíticos na fala do morador da comunidade. Importa, nesse momento, discutir como os pronomes estão sendo utilizados. A tabela abaixo mostra quantas vezes cada pronome foi utilizado e em que posição.

	PRÓCLISE	MESÓCLISE	ÊNCLISE
ME	14	0	0
TE	1	0	0
SE	8	0	0
LHE	2	0	0
O	0	0	0
TOTAL	25	0	0

Na entrevista encontrou-se a ocorrência do pronome antes do verbo, como nos exemplos que seguem:

(1)

“- Doc: Hum, hum. E... É:: se fosse pra ter outro nome, qual o outro nome que você gostaria de ter?

Inf: Outro nome?

Doc: Hum.

Inf: O nome do meu outro avô, L. F.

Doc: É. Por quê?

Inf: Eu gostava bastante dele, entendeu? Pra mim, eu me sentiria bem com o mesmo nome que ele, entendeu?”

(2)

“Doc: E como é que ele te tratava?

Inf: Nossa! super legal, entendeu? Ele me tratava super bem.”

Destaca-se que os pronomes pessoais não são apresentados formalmente como elementos atratores da próclise. Mas como se observa nas ocorrências, o *me* é utilizado antes do verbo, sendo que os elementos atratores são pronomes pessoais como *eu* e *eles*.

Outros exemplos encontrados nas amostras estão relacionados também ao uso da próclise, porém verificam-se outros elementos atratores:

(3)

“Doc: Já aprontou alguma assim?

Inf: Já. Eu bagunçava com...cu’os menino.

Doc: E surra levava?

Inf: Nossa! De vez em quando minha mãe que me catava. Meu pai, ele numé...nunca me bateu não, que eu lembre ele nunca me bateu não.”

(4)

“- Doc: E você gostou... gostou... gosta de ter nascido aqui?

Inf: Não. Falar a verdade.

Doc: Por quê?

Inf: Que aqui é um lugar muito:: [riso] rebaixado, entendeu?

Doc: Como assim?

Inf: É blabo aqui. Então, é que nem a gente vevi hoje aqui, é um sofrimento blabo, não tem prefeito, não tem nada. A gente tem tempo aí, que... que a gente quase morre de... de sede aí, entendeu? Que nem aqui mehmo, tem uma bomba aqui perto, faz um ano e dois meses que... que queblaru e nunca foi arrumada. A gente sempre se mautata, tem algum... algum bichinho, entendeu? Aí fica difícil da gente dar água os... é... aí é blabo só por causo disso aí.”

(5)

- “Doc: Passava dias na casa dele?

Inf: Passava.

Doc: Como era assim?

Inf: Era... era gostoso, entendeu? Ele ficava sempre me contano historinha pra mim, sempre brincano, entendeu, não tinha televisão. Aí ele ficava só contano historinha. A gente só oiiano, eu e os outro neto, entendeu?”

Esses exemplos apontam o que Castilho (2010) citou anteriormente, que um dos elementos atratores dos clíticos são advérbios de negação e tempo, exemplificando assim a próclise. Analisando-se outras ocorrências, verificou-se novamente a utilização dos clíticos antes do verbo.

(6)

- “Doc: Ah sei! E seus irmãos é... quando vocês eram pequeno, cês se davam bem? (crianças conversando).

Inf: Se dava, a gente sempre teve juízo”

Assim, em (6), observa-se na resposta do falante que está sendo entrevistado que, mesmo não tendo elemento atrator, o pronome clítico *se* é utilizado antes do verbo.

(7)

- “Doc: Sei. E você acha que o pessoal de hoje em dia ainda fica noivo ou não?

Inf: É difícil.

Doc: É?

Inf: É. Agora são mais juntano, né? Chega, já pega e junta. Eu não pretendo isso, mas os'outo aí é

tudo desse jeito. A maioria do povo daqui é todo sempre juntano.

Doc: Você se acha isso bom ou ruim?

Inf: Ruim.”

Em (7) temos a próclise, porém observa-se a presença do pronome “você” posicionado antes do verbo. Esse pronome hoje tem sido analisado como pronome pessoal, podendo levar à conclusão que foi ele quem atraiu o clítico para a posição antes do verbo. Nesse caso, a gramática normativa postula a ênclise, ou seja, o pronome depois do verbo

(8)

- “Doc: Como foi que você conheceu ela?

Inf: A gente sempre... desde pequeno a gente é criado junto, entendeu? Sempre a gente fica se comunicano, entendeu? Aí pareceu a oportunidade aqui, a gente num jogo aqui e começamo namorar. (crianças chorando)”

.

E, por último, no exemplo (8), verifica-se que o pronome *se* é utilizado antes do verbo principal *comunicano*. Na língua escrita (ou gramática tradicional) essa colocação é adequada, pois nos casos de locução verbal, com verbo auxiliar atuando com o infinitivo do verbo principal, o pronome poderá vir depois do verbo auxiliar ou depois do infinitivo, se nesse caso não houver fator que justifique a próclise.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viu-se, neste estudo, que compreender o uso dos clíticos no Português brasileiro requer a leitura do fenômeno numa perspectiva histórica, analisando as influências do português europeu e, também, verificando as mudanças que ocorreram na utilização dos pronomes na Língua Portuguesa.

Tendo em vista as ocorrências de fala no semiárido baiano, nota-se que a utilização do pronome antes do verbo, ou seja, a posição pré-verbal (proclítica) é a mais utilizada nas amostras. Não se observaram, por outro lado, casos em que o pronome fosse utilizado depois do verbo, com exceção do exemplo em que o falante utilizou o pronome clítico depois do verbo auxiliar.

Dito isto, conclui-se que mesmo que na língua escrita prevaleça casos específicos de utilização dos clíticos antes ou depois do verbo, podemos identificar tendências que apontam o uso do pronome antes do verbo. Tais tendências não estão de acordo com as determinações da gramática normativa, porém apontam mudanças em curso relativas a esses itens pronominais.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. L. F.; CARNEIRO, Z. O. N. (Org.) (2008). *Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano*. 1. ed. Feira de Santana: UEFS EDITORA; FAPESB. 4v. 450p .

BECHARA, **Evanildo**. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010. P. 483-485.

LOBO, Tânia. A sintaxe do clíticos: o século XVI, o século XX e a constituição da norma padrão. In. MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo V. Lopes (org.). **O português quinhentista: estudos linguísticos**. Salvador. EDUFBA, 2002. p. 83-101

LOBO, Tânia. A sintaxe dos clíticos. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia(org.). **A Carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500**. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 87-115.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O português brasileiro: sua formação na complexidade multilinguística do Brasil colonial e pós-colonial. In. COSTA, Sônia B. B. Costa; MACHADO FILHO, Américo V. Lopes (org.). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 116-135.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do Português**. São Paulo, Ática: 1996.